

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 353

Data: 29.12.77

Pg.: _____



Juruna abandonou o gravador. Agora leva maleta nas visitas às autoridades

Cacique pergunta o que Magalhães dará aos índios se for eleito

O cacique Juruna, da tribo Xavantes, interpe-
lou ontem o candidato Magalhães Pinto sobre o
que fará pelos índios caso chegue à Presidência da
República e revelou ter assimilado ainda mais as
lições dos brancos: a arte de calar, respostas eva-
sivas às perguntas diretas, malícia, desconfiança
acentuada e o mesmo desencanto.

Já não era o índio agressivo no contato com
as autoridades e de respostas firmes perante os
jornalistas, quando se transformou em assunto na-
cional. Não trazia nem mesmo gravador. O Senador
aguardava em seu escritório na Av Rio Branco,
sem saber exatamente o que queria o índio Juruna,
que chegou às 17h, vindo diretamente do aero-
porto.

Comitiva

Juruna chegou acompanhado de um suplente
de vereador em Curitiba, Sr Mozart Quadros, jor-
nalistas e cinegrafistas empenhados em documen-
tar a peregrinação do índio nos contatos para ob-
ter um trator para a sua tribo. Não fez pedido de
empréstimo, como se noticiou, e nas dependências
do Banco Nacional, onde está o escritório do Sena-
dor no Rio, falou da miséria de seu povo.

O Senador Magalhães Pinto perguntou pela ta-
refa desenvolvida pelas missões religiosas, e Juru-
na fez críticas e repetiu aquelas contra os funcio-
nários da Funai. Disse que estava voltando a Bra-
sília e que, em São Paulo, obtivera donativos para
sua aldeia, com 200 índios. Chama-se Namuncura e
fica às margens do Rio da Morte.

Interrogado sobre se tem algum plano de Go-
verno, para os índios, o Senador Magalhães Pinto
assinou que é de "que as tribos sejam auto-
sustentáveis e de manutenção de suas reservas".
Mais adiante acrescentou: "Vamos esperar por 78.
Lá em Brasília, estou à disposição. Sou um homem
de fácil acesso, e também estarei às ordens, se for
o caso, no Palácio do Planalto".

Uma adesão

Juruna assentiu quando o suplente de vereador
afirmou que a presença diante do Senador "era
uma adesão dos índios". Alguém lembrou que eles
não votam, "mas ajudam" — acrescentou o Sena-
dor Magalhães Pinto. "Sobre empréstimos à tribo,
o assunto seria em outro andar".

"Como é a vida de vocês?" — perguntou o Se-
nador a Juruna, que respondeu de pronto: "Não
é cheia de complicações ou burocracia. As casas
não têm conforto. Há fome. A gente espera encon-
trar o Senhor como Presidente da República, sem
complicações".

A seguir Juruna explicou que a capacidade de
aprender do índio é muito grande, que há até um
deles pronto para dirigir o trator, caso venha a
ser fornecido. "O que é bom seria respeitar mais
a terra do índio. Vejo problemas aqui e em São
Paulo também, mas é preciso não esquecer a po-
breza dos índios. Sei que todos são iguais, a dife-
rença está na cor da pele".

Os pedidos

Juruna pediu que o Senador Magalhães Pinto
intercedesse a fim de fazer chegar às aldeias má-
quinas, em especial tratores para as 15 reservas
de Mato Grosso. Ele dirige um grupo pequeno de
xavantes, mas há aldeias com 800 e até 2 mil ín-
dios. Sobre as missões religiosas, Juruna disse:

"Eu não sou de guardar segredos. Os religiosos
podem ensinar a ler, a tratar da saúde, mas não
podem dar assistência (econômica) ou defender a
terra. O Governo é que tem de fazer isso. E a mi-
nha esperança é para 78".

O Senador Magalhães Pinto disse que não se
propunha a oferecer trator "como presente de cam-
panha". Explicou que sua missão era interferir
dentro do possível, junto ao Ministério da Agricul-
tura, para a obtenção do trator. "É o que posso ofe-
recer agora".

À saída

Juruna ao fim da entrevista discorreu sobre
legalização de terras no Mato Grosso e aceitou cam-
inhar pela Av. Rio Branco para o documentário
que se fazia sobre sua vida. Convidou o Senador
Magalhães Pinto, que foi até a calçada.

Mais tarde ficou conversando com alguns tran-
seuntes. Antes disse a um grupo de jornalistas que
agora "algumas coisas se resolvem no papo. Já sei
o que é conversa fiada. Agora tenho sido bem re-
cebido. Eu não tenho rabo preso. O índio passa
necessidade, é cidadão brasileiro e passa necessida-
de..."